

Carlos Costa e *A Mãe de Família*

KAROLINE CARULA*

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar o jornal ilustrado *A Mãe de Família*, analisando o papel de seu fundador e redator principal, o médico Carlos Costa, na promoção da educação feminina de fins do século XIX. Inicialmente, apresento a publicação – concepção, formatação, seções, ilustrações. Em seguida, analiso a proposta política da folha e de seu criador, que era ensinar as mulheres a serem boas mães de acordo com preceitos da ciência médica, a fim de bem criarem seus filhos, que seriam os futuros cidadãos do país.

Entre 1877 e 1879, o médico Carlos Antonio de Paula Costa¹ ministrou o curso de higiene popular na Escola de Botafogo e na Escola Noturna da Lagoa. No ano de 1887, proferiu 40% das preleções realizadas nas Conferências Populares da Glória, onde abordou a higiene da infância (CARULA, 2009). O médico era o fundador e o redator-principal do jornal *A Mãe de Família*. Em seu editorial de lançamento, explicitou quais eram os motivos que o impulsionaram a criar a folha, supostamente os mesmos que o levaram a proferir conferências públicas destinadas especialmente ao público feminino. Cabe, então, apresentar de modo mais detalhado a publicação.

Foi a partir da seção “Cartas às Senhoras Brasileiras”, publicada na *Gazeta de Notícias*, em 1877, que Carlos Costa concebeu a ideia de produzir *A Mãe de Família*. Nessa seção, seu objetivo era tratar de questões relativas à higiene infantil.² No mesmo ano que atuou como colaborador da *Gazeta de Notícias*, ofereceu várias conferências na cidade.³ Muito do que apresentou nesses espaços de vulgarização científica devia estar presente em seus artigos. Para a criação de *A Mãe de Família*, Carlos Costa se inspirou no jornal francês *La Jeune-Mère*, editado pelo também médico André Théodore Brochard.

* Doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo, CNPq.

¹ Médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, era bibliotecário da mesma. Em 1876 foi médico da Escola Militar e de uma das enfermarias criadas pelo governo para cuidar dos pacientes com febre amarela.

² *A Mãe de Família*, ano 6, n. 5, 15/03/1884, p. 33.

³ *A Mãe de Família*, ano 1, n. 1, jan. 1879, p. 7.

A nova publicação que oferecemos às mães de família brasileiras tem fim idêntico ao do jornal do Dr. Brochard que tanta aceitação tem tido em França. [...] preenche importante lacuna na educação da mulher [...] achar-se-ão ordenados todos os conselhos ditados pela experiência e pela ciência [...] Cada número conterá uma PALESTRA DO MÉDICO, artigos sobre educação, receitas, novelas, conselhos sobre higiene, etc.⁴

A finalidade da publicação nacional era a mesma da congênere européia – educar a mulher para que ela fosse uma boa mãe de família. Cynthia Fevereiro Turack sustenta que a influência também se deu em termos discursivos, “muitos dos sentidos organizados e veiculados no jornal francês acerca das mulheres e da maternidade foram (re)produzidos ou adaptados para sociedade carioca” (TURACK, 2008:55).

A Mãe de Família circulou entre 1879 e 1888, indicando sua boa aceitação pelo público, haja vista que a maioria dos jornais direcionados às mulheres teve curta duração – semanas ou meses (TURACK, 2008). Era vendido não apenas na Corte, mas também em outras províncias – São Paulo e Minas Gerais (CAMARA, 2008). Consoante as palavras de Carlos Costa, *A Mãe de Família* não se restringiu aos “centros civilizados”, leia-se aqui a Corte, mas atingiu também os “remotos lugares” do país.⁵

No último número de 1888 foi publicado um aviso às leitoras: “Completemos com este número dez anos de existência. [...] Não obstante, ainda ousamos esperar, e o ano de 1889, ou iluminará as nossas vitórias ou nos deteremos na nossa propaganda”.⁶ De fato, a partir de 1889 o periódico parou de ser editado. Por meio da observação é possível supor que os editores e o redator já pretendiam encerrar a publicação do periódico, ou supunham que isto pudesse ocorrer. Não encontrei, entretanto, nada que indicasse o motivo do término.

Jornal ilustrado, publicado quinzenalmente, composto por oito páginas em média, *A Mãe de Família* tinha paginação ininterrupta de janeiro a dezembro de cada ano. No primeiro número de 1879 apresentou o subtítulo: “Jornal Científico, Literário e Ilustrado – Educação da Infância, Higiene da Família”. No ano seguinte, também

⁴ *A Mãe de Família*, ano 1, n. 9, jan. 1879, p. 7. Grifos do original.

⁵ *A Mãe de Família*, ano 2, n. 24, dez. 1880, p. 186.

⁶ *A Mãe de Família*, ano 10, n. 24, 31/12/1888, p. 185.

apenas na primeira edição expôs o mesmo subtítulo, porém com a ordem invertida. Após 1883, houve mudança no mesmo, que passou a constar em todos os números: “Jornal Científico-Literário – Educação da Infância, Higiene da Família – Modas para crianças”.

Dentre os colaboradores, estavam – José Ricardo Pires de Almeida, João Pizarro Gabizo, Emilio Maia, Mello de Oliveira, Remedios Monteiro, Langgard, Felix Ferreira, Dantas Júnior, Ribeiro Mendonça.⁷ Em seu décimo ano passou a constar na página de abertura das edições o nome dos que participavam da folha: “Fundador e Redator principal Dr. Carlos Costa” e abaixo disso: “Redatores: Drs. Pires de Almeida, Alfredo Piragibe, Brito e Silva, Silva Araujo e Pires Farinha”.⁸ Em 1883, a participação do médico Pires de Almeida cresceu neste mesmo período, talvez sua colaboração estivesse além do envio de artigos, mas já fosse como redator. A colaboração feminina se deu por meio de alguns poemas, e na série de quatro artigos escritos por Maria de Montalchez intitulados “Conselhos às Mães”. No segundo texto, Carlos Costa escreveu duas notas de rodapé informando que sua opinião era diferente da sugerida pela autora, indicando também quais eram os procedimentos que julgava corretos.⁹

Com relação às ilustrações, elas estiveram presentes até 1882. Além da imagem de abertura (mãe com um bebê no colo, escutando outra criança a ler), que passou a ser a logomarca, *A Mãe de Família* apresentava pequenas gravuras ao término de cada artigo e algumas maiores que ocupavam uma página inteira. As pequenas imagens não tinham relação direta com o tema apresentado nos textos e repetiam-se em várias edições. A partir de 1883, somente a da abertura continuou a ser publicada. Turack assevera que *A Mãe de Família* possuía o mesmo padrão gráfico do periódico francês *La Jeune Mère*, chegando o jornal brasileiro a ter uma gravura idêntica à folha francesa (TURACK, 2008).

A publicação contava com um anexo, no qual estavam impressos os figurinos coloridos, que tinham sua explicação detalhada no corpo do jornal. Havia a possibilidade de comprar o periódico sem os figurinos, saindo mais barato. O valor da assinatura com o figurino para a Corte era de 9\$00 e para as províncias 10\$000. Já sem

⁷ *A Mãe de Família*, ano 8, n. 7, 15/04/1886, p. 49.

⁸ *A Mãe de Família*, ano 10, n. 1, 15/01/1888, p. 1.

⁹ *A Mãe de Família*, ano 2, n. 5, jan. 1880, p. 37.

o figurino os preços caíam, sendo, respectivamente, 6\$000 e 7\$000. A partir de 1884 não estava mais disponibilizada a assinatura sem o figurino; entretanto, era possível a compra de exemplares avulsos por 500 rs.

A Mãe de Família era editada por Lombaerts & Companhia. No número de lançamento, Carlos Costa explicitou sua alegria em ter encontrado apoio nos proprietários da tipografia Lombaerts,¹⁰ que compactuavam com ele sobre a necessidade de ajudar a infância do país, considerada como “alvo de nossas esperanças para o engrandecimento de nossa Pátria”.¹¹ Para tal, instruir a mãe, para que ela bem educasse seus filhos, era fundamental para a melhoria do país.

Com relação às seções, até 1882 estas foram as que estiveram mais presentes: “Palestra do Médico”, “Moléstia das Crianças”, “Farmácia Doméstica”, “Variedade”, “Máximas e Pensamentos”, “Revista dos Jornais Científicos”. Excetuando a primeira, as outras não eram publicadas em todas as edições. Sem possuir uma seção nomeada para tal, pequenas poesias com temas diversos eram publicadas, contando com a colaboração de Arthur de Azevedo, Lopes Cardoso, Fontoura Xavier. No final das edições, era dedicado um espaço às propagandas, porém esse não possuía um nome específico.

Dentre os exemplares disponíveis, o primeiro a apresentar anúncios foi o da primeira quinzena de março de 1879. Foram anunciados objetos para ajudar na dentição, consultórios médicos, farmácia, caneta, e, embora criticasse o aleitamento artificial, a farinha láctea da Nestlé.¹² Dos consultórios médicos divulgados, estavam os de Carlos Costa e Pires de Almeida, que escreviam para o jornal.¹³

Outros espaços da publicação também eram utilizados para fazer propagandas. Após indicar o endereço da Livraria Lombaerts, onde poderiam ser feitas as assinaturas, foi mencionado que as correspondências deveriam ser direcionadas ao redator, Carlos Costa, que também recebia “consultas por escrito do interior e províncias”.¹⁴

¹⁰ A tipografia Lombaerts & Companhia, localizada à Rua do Ouvidor, n. 7, editava poucos livros e confeccionava muitas impressões por encomenda, trabalhava principalmente com jornais e revistas importados. Teve como proprietários o belga Jean Baptiste Lombaerts (1821-1875) e seu filho Henri Gustave Lombaerts (1845-1897) (HALLEWELL, 2005:229).

¹¹ *A Mãe de Família*, ano 1, n. 1, jan. 1879, p. 7.

¹² *A Mãe de Família*, ano 1, n. 11, jun. 1879, p. 89.

¹³ *A Mãe de Família*, ano 5, n. 6, mar. 1883, p. 48.

¹⁴ *A Mãe de Família*, ano 3, n. 19, out. 1881, p. 152.

No conteúdo dos artigos era comum a referência a objetos de marcas específicas e aos locais em que eram vendidos. Ao discutir sobre a cama correta para o recém-nascido, Carlos Costa recomendou a cama de fundo de arame tecido, por estar dentro dos parâmetros higiênicos, indicando o nome do fabricante e seu endereço.¹⁵

Em “Máximas e Pensamentos” reproduziam-se frases que refletiam os ideais propagados por *A Mãe de Família*; algumas anônimas, outras assinadas por reconhecidos escritores e pensadores como, Michelet, Rousseau, Balzac, Locke, Goethe. A valorização do trabalho, da honestidade, da leitura da educação; a higiene; o amor materno; a família; a educação foram temas presentes em tais máximas. Em 1881 passou a se chamar “Citações”, depois “Mosaico” e, por fim, “Máximas Higiênicas”, explicitando a temática que estava presente em quase todos os artigos do jornal.

Traduções de excertos de publicações estrangeiras eram apresentadas em “Revista dos Jornais Científicos”. Segundo Carlos Costa, os textos eram transcrições de assuntos que ocupariam a mãe de família.¹⁶ Como exemplos dos assuntos expostos, é possível citar a vacina na América, o fumo, os saltos altos, a patinação, o uso do óleo de rícino. Os fragmentos eram extraídos de jornais científicos e de vulgarização, em sua maioria franceses, dentre eles, *La Jeune-Mère*, *Annales d’Hygiène et de Médecine*, *Lyon Medical*, *Journal d’Hygiène*, *Moniteur Therapeutique*.

A Mãe de Família, em 1883, sofreu mudanças. A diagramação passou a ser em colunas contínuas, ao acabar um artigo o seguinte continuava na mesma coluna. Antes disso, ao término havia uma ilustração ou um traço horizontal, e abaixo deste iniciava o outro artigo. A formatação das seções mudou, passando a ser mais sistematizada. Elas passaram a ser apresentadas sempre na mesma sequência: “Palestra do Médico”; “Medicina” (farmácia, moléstias, o que fazer enquanto o médico não chega); “Higiene” (ar, alimentação, banhos, casamento), “Educação”, “Recreio” (pequenas peças teatrais); “Modas”; e “Folhetins Instrutivos”, que começava na segunda página e continuava por mais duas ou três. Eventualmente, outras eram inseridas entre elas, como, por exemplo, “Conhecimentos Úteis”, “Economia Doméstica”, “Bibliografia” (lançamentos de livros), “Petisqueiras” (receitas). Os anúncios continuaram a vir na última página.

¹⁵ *A Mãe de Família*, ano 1, n. 7, jan. 1879, p. 50.

¹⁶ *A Mãe de Família*, ano 2, n. 4, fev. 1881, p. 31.

No ano seguinte, na página inicial de cada número passou a ser destacado a periodicidade quinzenal da publicação. No editorial de abertura deste sexto ano, os editores lembraram e demarcaram o objetivo de *A Mãe de Família*, evidenciado na primeira página – o “jornal destina-se a representar na família o papel de médico, de mestre e de costureira”. No caso da função de médico, o periódico se dispunha a apresentar quais os cuidados que as mães deveriam ter com relação às moléstias típicas da infância, e em casos mais sérios como deveriam agir até a chegada do médico. Enquanto mestre, era apresentar o que de “mais notável e prático” estabeleciam os educadores modernos e antigos. E, por fim, oferecer moldes para a costura de roupas infantis, a fim de que a mãe pudesse confeccioná-los e assim economizar nos gastos domésticos. Também foi marcado que a folha sairia nos dias 15 e 30 dos meses, sendo que a partir disso todos os números passaram mostrar a data da publicação.¹⁷

Antes da implantação dos folhetins, em 1884, pequenas histórias com uma mensagem moralizante foram publicadas na seção Variedade. Da mesma maneira que em um folhetim, a trama desenrolava-se no decorrer de vários números. O caráter pedagógico/educativo do jornal estava presente na seção de folhetins, pois esta era intitulada “Folhetins Instrutivos”, ou seja, só publicavam-se romances considerados úteis para educar a mulher, por apresentarem orientações de como deveriam se comportar, principalmente enquanto mães, e conhecimentos que tinham que possuir. Um exemplo foi o folhetim “A hereditariedade na família”, que abordou a questão da hereditariedade, em especial com relação às doenças transmissíveis.¹⁸ Além dessa, a seção “Recreio” apresentava pequenas peças teatrais, algumas escritas pelos editores do jornal, com caráter moralizador. Essas peças seriam representadas pelas alunas das escolas femininas da Corte. Segundo Sônia Camara,

A idéia formalizou-se a partir da prática de algumas diretoras de encenarem nos colégios, por ocasião dos festejos de final de ano, textos teatrais. O Jornal atuou sobre esta prática, demonstrando a necessidade de uma orientação apropriada e educativa para as meninas, onde fossem enfocadas as virtudes, a modéstia, a piedade e a

¹⁷ *A Mãe de Família*, ano 6, n. 1, 15/01/1884, p. 1.

¹⁸ *A Mãe de Família*, ano 7, n. 15, 15/08/1885, p. 115.

brandura de gênio como esteios fecundos de formação das novas gerações (CAMARA, 2008: 9).

Os assinantes podiam enviar cartas com dúvidas a respeito de assuntos relativos à higiene, moléstias, etc. O artigo não assinado “Seremos verdadeiramente boas mães?”, de 1879, teria sido enviado por uma leitora do jornal que resolveu mostrar que estava de acordo com o proposto por *A Mãe de família*.¹⁹ A suposta autora afirmou que a boa mãe não deveria ser excessiva nas broncas e nem condizente demais com os desejos dos filhos, e sim agir de maneira ponderada, amando seu filho com “inteligência e saber”. No entanto, é possível que o próprio Carlos Costa tenha escrito, haja vista que a argumentação era extremamente semelhante a por ele utilizada. Talvez tenha sido uma estratégia utilizada para mostrar ao público leitor que o que lá era exposto era digno de crédito, confirmado inclusive por uma mulher.

Em vários momentos o redator reclamou que gostaria de algum retorno das leitoras do periódico a fim de saber se os conselhos publicados foram úteis nos cuidados com os filhos. Carlos Costa ressaltava que a opinião das mães era sempre “digna de consideração dos homens de ciência”, e que o espaço da publicação estava aberto para que elas expusessem suas opiniões e indagações.²⁰

Uma seção que dediquei atenção pormenoriza foi a “Palestra do Médico”, que teve maior periodicidade. Escrita por Carlos Costa, o próprio título já alude às conferências públicas ocorridas na cidade, das quais ele foi preletor.

Foram poucas as edições em que Carlos Costa não escreveu a “Palestra do Médico”. Após a ausência da seção nos dois primeiros números de 1883, o médico desculpou-se com as leitoras por não ter tê-la redigido. O motivo apontado para o afastamento temporário foi devido “aos interesses dos amigos editores e a ocupação muito sérias de nossa parte”.²¹ Embora não tenha entrado em detalhes, é possível que tenha ocorrido algum desentendimento entre o redator e os editores sobre os rumos que a publicação deveria tomar. Todavia, a desavença não acabou com a parceria. Cabe ressaltar que foi neste ano que a folha sofreu mudanças com relação à sua formatação

¹⁹ *A Mãe de Família*, ano 1, n. 5, jan. 1879, p. 40.

²⁰ *A Mãe de Família*, ano 2, n. 12, jan. 1880, p. 89.

²¹ *A Mãe de Família*, ano 5, n. 3, fev. 1883, p. 17.

A “Palestra do Médico”, nas primeiras edições de 1884, não foi assinada pelo redator-principal, e sim pelo médico Pires Almeida. Carlos Costa, então, publicou um artigo justificando sua ausência.

Pela primeira vez, depois de cinco anos, deixaste de ver o meu humilde nome nos primeiros números deste ano. [...] Felizmente para os que realmente ouviam ou liam o rabugento, estou aqui firme no meu posto... Aos outros direi somente que... leiam ou ouçam ler...²²

Agradeceu a Pires de Almeida, que manteve a seção e a filosofia do jornal, e, novamente, voltou a redigi-la.

Entretanto, nos últimos números de 1884 e durante todo o ano de 1885 a seção não foi publicada, regressando apenas em 1886. No artigo de retorno, Carlos Costa pediu desculpas e informou que o afastamento foi causado por “Atribuições diversas”. Afirmou que voltava por ter consciência de cooperar “na grande obra de regeneração física e moral da sociedade Brasileira”. Para o autor, o jornal contribuía para o bem da nação, que até então era degenerada física e moralmente.²³

Acerca da proposta de *A Mãe de Família*, no seu lançamento, Carlos Costa ressaltou que, “dirigiremos as seguintes palavras, que já tendo sido ditas em outro lugar [...] Povo e governos estão intimamente convencidos que do desenvolvimento da instrução depende a grandeza desta terra e a iniciativa particular”.²⁴ O que seria apresentado pelo jornal fazia parte de um movimento maior da sociedade, tanto as ideias, quanto a importância da instrução da mulher como meio de promover o progresso do país.

A proposta do periódico era que o médico orientasse às leitoras, mais especificamente às mães, de como deveriam cuidar dos filhos, promovendo seu desenvolvimento físico, pois eles seriam os futuros cidadãos. Essa missão de aconselhar só poderia estar a cargo dos médicos, já que a eles foi incumbido “o elevado encargo de

²² *A Mãe de Família*, ano 6, n. 4, 29/02/1884, p. 26.

²³ *A Mãe de Família*, ano 8, n. 7, 15/04/1886, p. 49.

²⁴ *A Mãe de Família*, ano 1, n. 1, jan. 1879, p.1.

cuidar da saúde pública”.²⁵ Instruir as mães para que elas garantissem o desenvolvimento físico das crianças era encarado como uma questão de saúde pública.

Para o redator, “O higienista é desta maneira tão necessário como o pedagogo para o desenvolvimento da instrução pública, e todo o seu esforço deverá ser empregado em difundir os sãos princípios da higiene”.²⁶ Nesta concepção, o higienista assumiria na sociedade não só o papel de médico, pensado aqui como aquele que cura as doenças, mas a de educador. A importância dada ao profissional era ampliada, estendendo assim o seu poder de influência sobre outros setores, sua função era a de incutir determinados valores por meio da educação. Tal ação estaria respaldada no discurso médico científico, que, supostamente, forneceria a credibilidade necessária para que tais preceitos fossem aceitos. Digo supostamente porque no período em questão a medicina oficial disputava espaço com outros métodos de cura, muitos procuravam curadores para tratar de seus males (SAMPAIO, 2001).

Ao enfatizar “os sãos princípios da higiene”, duas leituras podem ser feitas. A primeira seria “são” como saudáveis, os temas desenvolvidos estariam pautados em um discurso visto com correto, em oposição ao que não era saudável, o desviante da normalidade, o incorreto. “São” também poderia significar verdadeiro, então, as proposições apresentadas seriam verdades absolutas que, por isso, deveriam ser aceitas. Em qualquer das interpretações, há uma valoração positiva, fazendo com que os “princípios da higiene” sejam considerados como indispensáveis e fundamentais para o bom desenvolvimento da sociedade.

Segundo o redator do periódico, os médicos deveriam ser “incansáveis em empregar todos os meios para que sejam vulgarizados todos os conselhos que tiverem por fim mostrar os males que nos cercam para que eles sejam prevenidos antes de remediados”.²⁷ Foi, provavelmente, partindo desse preceito que Carlos Costa proferiu várias conferências nas décadas de 1870 e 1880. Todas tendo o mesmo objetivo do jornal – instruir as mães a cuidar de seus filhos dentro dos ditames da higiene.

A maternidade, na concepção do redator, era a “única” e “sublime” missão que foi confiada às mulheres, vistas, desta maneira, apenas como mães, nenhum outro papel

²⁵ *A Mãe de Família*, ano 1, n. 1, jan. 1879, p.1.

²⁶ *A Mãe de Família*, ano 1, n. 1, jan. 1879, p. 2.

²⁷ *A Mãe de Família*, ano 1, n. 1, jan. 1879, p. 2.

poderia ser desenvolvido por elas. O encargo, entretanto, não era satisfatoriamente cumprido, algumas “por vaidade, outras por pobreza e finalmente muitas por desculpada ignorância”, isso porque “lhes faltam conhecimento especiais que antes de tudo lhes deveriam ensinar”. Para solucionar o problema que afetaria não só o ambiente privado (a família), mas também o público (o progresso do país), Carlos Costa proferiu conferências públicas e fundou *A Mãe de Família*, “onde se procurará ensinar tudo quanto se liga à *Educação física da criança*, mostrar, baseados na experimentação e na prática de todos os homens de ciência”.²⁸ A educação da mulher era importante para bem criar seu filho, com vias a fazer o país progredir, de acordo com a filosofia do periódico: “A proteção da Infância e A Educação da Família, [eram] bases para o progresso e felicidade de nossa pátria”.²⁹

Carlos Costa sustentava que o país só iria progredir se houvesse uma “completa reforma na direção, moral, intelectual e física da brasileira”. Para desenvolver o país era fundamental que se educasse primeiramente a mãe, pois ao educar a sua prole ela promoveria a formação do cidadão que faria o país progredir; sendo que as mais abastadas deveriam educar as menos favorecidas.³⁰ Ele vulgarizava a medicina para as mães abastadas da sociedade – as que assistiam às conferências e as leitoras do jornal. Entretanto, ele solicitava que essas mulheres fizessem o mesmo com as mães das camadas pobres da sociedade. Aqui ele segue a mesma linha de raciocínio do idealizador das Conferências Populares da Glória – Manoel Francisco Correia (CARULA, 2009).

Na sua interpretação, a educação salvaria o país da degeneração social e moral, pela qual o mesmo caminhava. Somente quando as mulheres se colocassem “à frente de uma cruzada regeneradora”, quando elas atuassem de maneira “patriótica” e se engajassem na educação, principalmente de suas filhas (as futuras mães de famílias), o país poderia ser salvo. Ele sublinha que esta educação da menina deve ser realizada por sua mãe e não por “mãos mercenárias” ou pelos “anti-higiênicos internatos”.³¹

²⁸ *A Mãe de Família*, ano 1, n. 1, jan. 1879, p. 2. Grifos do original.

²⁹ *A Mãe de Família*, ano 1, n. 24, jan. 1879, p. 185.

³⁰ *A Mãe de Família*, ano 2, n. 12, jan. 1880, p. 90.

³¹ *A Mãe de Família*, ano 2, n. 13, jul. 1880, p. 97.

Vários fatores, segundo o médico, faziam as mães errarem na educação de suas filhas, umas eram muito moças, e incentivavam a vida social excessiva; outras muito velhas, e não mais acompanhavam a jovem, deixando-a desprotegida; algumas eram ignorantes e, fazendo uso dos antigos sistemas de educação, enclausuram suas filhas em casa, obrigando-as a exageradas práticas religiosas; e, por fim, há as “pobres infelizes”, que não sabem ler e deixam suas filhas ao “acaso da sorte”.³²

Apesar de propalar a necessidade da educação feminina, o redator não considerava adequado às mulheres um aprofundamento maior do aprendizado. Ao anunciar o recebimento das “tabuadas”, organizadas pela professora D. Guilhermina de Azambuja Neves, Carlos Costa enfatizou que não aconselhava às mulheres o estudo das matemáticas superiores, pois elas só precisavam conhecer as quatro operações, a fim de que, como donas de casa, não fossem enganadas pelos comerciantes.³³

A instrução que a mulher deveria receber era aquela exclusivamente necessária para que ela desenvolvesse o seu papel de mãe de família. Neste sentido, Carlos Costa defendeu a necessidade das mulheres se educarem nas ciências (no caso biologia). A aquisição de conhecimento só tinha a função de melhorar a maternidade.

Perguntei: Porque haverá mais interesse em ensinar às meninas os nomes dos astros, a sua rotação, etc., e não os nomes dos órgãos do corpo humano, o seu mecanismo e funções? Sabendo-se como funciona normalmente o estômago, mais facilmente se compreenderá qualquer alteração e com isto há mais que lucrar uma senhora, uma mãe de família, do que saber as constelações do firmamento, as fases da lua, a passagem dos cometas!³⁴

Apesar de considerar a maternidade como único papel que a mulher devesse desempenhar, Carlos Costa não deixou de parabenizar a Dra. Maria Generoso Estrella, brasileira que fez medicina nos Estados Unidos. Mas, mesmo elogiando-a, destacou que a médica havia abandonado “os prazeres efêmeros da vida, tornou opaco o espelho onde

³² *A Mãe de Família*, ano 2, n. 14, jul. 1880, p. 106.

³³ *A Mãe de Família*, ano 3, n. 3, fev. 1881, p. 21.

³⁴ *A Mãe de Família*, ano 4, n. 1, jan. 1882, p. 2.

se refletiam os seus encantos femininos”, de alguma maneira ela abdicava de ser mulher ao escolher a profissão.³⁵

Enfim, *A Mãe de Família* tinha o papel colaborar na educação da mulher, a fim de que ela melhor desenvolvesse seu papel de mãe. Contudo, o raio de ação dessa educação estendia-se além do espaço privado, estaria também no plano da esfera pública, pois a mãe bem instruída poderia bem educar seu filho, que se tornaria um bom cidadão e, desta maneira, contribuiria para o progresso do país.

Referências Bibliográficas

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CAMARA, Sonia. O jornal “Mãe de Família” como estratégia de intervenção medicina, higiene e educação na fabricação da infância e da família no Brasil dos finais do século XIX. *Actas do VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Cultura Escolar Migrações e Cidadania*. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (Universidade do Porto), 2008.

CARULA, Karoline. *A tribuna da ciência: as Conferências Populares da Glória e as discussões do darwinismo na imprensa carioca (1873-1880)*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução de Maria da Penha Vilalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2005.

MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

NASCIMENTO, Kelly Cristina. *Entre a mulher ideal e a mulher moderna: representações femininas na imprensa mineira – 1873-1932*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. Campinas, SP: Editora da Unicamp. CECULT, IFCH, 2001.

TURACK, Cynthia Fevereiro. *Mulheres-mãe: memória e construção de sentidos no discurso do periódico A Mãe de Família (1879-1888)*. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

³⁵ *A Mãe de Família*, ano 4, n. 23, dez. 1882, p. 178.